ANO 5.º — Sexta-feira, 12 de Julho de 1912 — NUMERO 229

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANÁRIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias)	1$200 réis
Semestre	600 réis
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte	2$500 réis
Avulso	20 réis

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 108

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO

(*)

Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha	40 réis
Comunicados	20 réis

Anúncios permanentes, contracto especial.

Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Traidores e assassinos

A incursão couceirista—Por terras do norte—Tumultos sangrentos—Fusilamento dum aveirense—O govêrno perante a situação—Movimento de tropas e o triunfo da Republica

Hora soléne

Pouco tempo após a publicação do passado numero do *Democrata*, consumava-se o que, pelas nossas palavras, deixávamos prever: a realisação da criminosa jornada que um grupo de bandidos se propunha levar a efeito, secundada por desordens, varios levantamentos e outras tentativas que em diversos pontos, ao norte do país, tivéram logar. A farça ha tanto anunciada consumára-se emfim.

Orgulha-nos, porém, e engrandece o nosso amor patrio, o valôr e patriotismo dos bravos oficiaes e soldados, que tanto sublimáram as armas portuguêsas castigando, como mereciam, os intrusos que á sombra dum falso e indigno sentimento pretendiam lançar o país numa guerra fratricida. E enquanto se punia na fronteira os miseros organisados de fóra e a canalha desenfreada de dentro, o govêrno, pela bôca do seu chefe, dava conta aos representantes da nação das medidas que a necessidade inadiavel impozéra, medidas que o parlamento cobria com o seu voto unanime, ampliando-as ainda, identificado com a aspiração popular, na promulgação da lei marcial e a suspensão de garantias em dois ou tres distritos do norte, onde a audacia da vilanía partidaria do morto regimen dos adiantamentos, alterou a ordem pública, fazendo vitimas e cometendo toda a casta de tropelias e desordens! Só o que se torna indispensavel é que os delegados de confiança do govêrno por toda a parte cumpram o seu dever, defendendo o regimen dos seus inimigos e vigiando estes como lhes compéte.

Tudo o que hoje tem ocorrido; as vitimas que jazem imoladas, e o sangue generosamente derramado; as lagrimas caídas de tantos olhos e o dispendio persistente de tamanhas quantias, têve sem duvida como factor importante, se não unico, a transigencia daquêles que teimavam em *atraír* quando os testemunhos de todos os dias indicavam—reprimir!

Déssa tolerancia que chegou ao crime, resultam consequencias evidentemente indicadôras de que éla fôra, pelos inimigos do regimen, tomada como uma fraqueza sobre a qual tripudiáram cinicamente, concertando com o maior descaramento, novas e sanguinarias arremetidas sobre a familia republicana, sem distinção.

Os campos estão divididos clara e abertamente.

Dum lado, monarquicos que á Republica preférem o estrangeiro, de mistura com falsos *republicanos* que ardilosamente se classificam até de *historicos*, coadjuvando, todavia, reaccionarios de toda a classe, de quem fazem o jogo repelente e insidioso; do outro os verdadeiros republicanos, sincéros e desinteressados patriotas, que a tudo preférem a Republica integrada na nação, livre, ordeira, trabalhadora.

Ha hoje meios e bem energicos para a defêsa do regimen.

Abandonar os seus inimigos a titulo de desprezo ou de indulgencia pela sua suposta fraqueza, é um erro, é um crime.

A hora atual não se destina senão a usar de todos os meios e de todas as armas para o seu completo aniquilamento.

Basta de complacencias! Basta de transigencias e de fraquêsas! O govêrno está senhor da situação. Pois bem; trate o govêrno de meter na ordem os bandoleiros, os discolos que nos afrontam com a sua presença e a cada passo nos provocam. Tem leis para isso.

Ou então...

Subscrição

aberta pelo *Democrata* para a compra duma bandeira que, por iniciativa do *Grupo Defeza da Republica de Aveiro*, deve ser ofertáda ao regimento de infanteria 24 aquarteládo nésta cidade:

Transporte	32$800
José Vidal (Verdemilho)	200
Joaquim Neves (idem)	200
Antonio Furão (Bomsucesso)	200
José dos Santos Furão (idem)	200
Julio dos Santos Barreto (Quinta do Picado)	200
Manuel Simões Morgado (Arada)	300
Soma	34$100

Presidente da Republica

Passou na segunda-feira o aniversario do venerando Chefe da nação, sr. dr Manuel de Arriaga, que por tal motivo recebeu no palacio de Belem os cumprimentos das pessoas de todas as classes e condições sociaes que o quizéram cumprimentar.

O sr. dr. Manuel de Arriaga fez 73 anos, tendo ascendido ao alto cargo que hoje ocupa exatamente porque é um homem de raras virtudes, de muito talento, e apreciaveis qualidades de caracter que o tornam querido de todo o povo português.

Com jubilo o felicitâmos tambem.

Lopes Mateus

Foi pela ultima ordem do exercito promovido a capitão e colocádo na Guarda, para onde partiu logo, o nosso presado amigo, sr. Antonio Lopes Mateus, que não só no corpo de infanteria 24 contáva inumeras simpatías entre os seus camaradas, como tambem no elemento civil, visto ser considerádo por todos um oficial distintissimo, de porte irrepreensivel e tão efectuoso que decérto deixou as mais fundas saudades nésta cidade onde constituiu familia, creou amigos e se acostumou a viver como se sua terra fosse.

Com os nossos parabens ao capitão Lopes Mateus vão expressos os votos que fazemos pela sua felicidade e de toda a sua dedicáda familia.

JOÃO A. MENDONÇA BARRETO

De entre as condenáveis ocorrencias que tivéram logar em diversos pontos ao norte do país, demonstrativamente evidentes de criminosos entendimentos entre os inimigos da Patria, que dentro e fóra se preparavam para o louco e irrealisavel assalto aos poderes constituidos pela vontade soberana da nação, ha desgraçadamente uma, que vem ferir não só as familias enlutadas pelo tristissimo caso, mas Aveiro, a cidade que, comovida, lamenta a desaparição dum dos seus filhos.

Ninguem póde escrever com maior insuspeição do que nós, que, por desacordo com alguns actos politicos da mologrado victima que vimos lamentando, sem todavia nutrir a mais leve reserva de qualquer sentimento ruim, déla nos tinhamos ha muito distanciado.

Em Cabeceiras de Bastos, onde a população iludida e fanatisada se levantou em grande massa contra o regimen, cortando as comunicações e isolando-se completamente, éra administrador daquéla vila, o aveirense João Augusto Mendonça Barreto, demasiadamente conhecido entre nós e que por indicação dalguns amigos fôra para ali exercer aquêle cargo, nos principios de março ultimo.

A carencia absoluta de pormenores impéde-nos por completo de poder historiar os acontecimentos pois á hora que escrevemos somos informados pela leitura de varios nossos colégas que a ordem não está ainda ali restabelecida, marchando grandes nucleos de forças para submeter á legalidade os que tão criminosamente déla se afastaram.

A noticia, desde o seu primeiro éco aqui chegado no domingo até agora, resume-se neste duro e apavorado laconismo: *assassinaram o administrador de Cabeceiras de Bastos, Mendonça Barreto.*

Que o facto é tristissimamente verdadeiro não ha que duvidar. Assim como não menos demonstra que Mendonça Barreto, não arredou pé do seu posto, morrendo na defeza da Republica, defrontado e vitima da selvageria dos que na sua desmedida traição o sacrificaram assim como a outro funcionario, o secretario das finanças.

João Augusto Mendonça Barreto era filho do sr. João Pedro Mendonça Barreto e da sr.ª D. Emilia Mendonça Barreto, tendo nascido a 30 de agosto de 1872. Deixou viuva a sr.ª D. Augusta Regala Mendonça Barreto e orfãos dois filhinhos, lindas creancinhas, que ao desabrochar da vida logo experimentam tão doloroso golpe:

Mendonça Barreto

O infeliz administrador de Cabeceiras de Basto, assassinado a 6 de julho de 1912

a Nataliasinha, de 12 anos, e o Raul com pouco mais de 3.

João Mendonça fez aqui alguns preparatorios sendo mais tarde nomeado escrevente da administração do concelho, logar que deixou para ir desempenhar o cargo onde tão proxima e desgraçadamente encontrou a morte.

A' sua iniciativa se devem varias realisações de festas *sportivas*, pelas quaes êle tinha manifésta predileção e que tantas horas agradaveis nos proporcionaram, devendo-se-lhe a existencia do *Club Mario Duarte*, florescente agremiação de que foi fundador e um dos mais fervorosos paladinos.

O Democrata, enfileirando junto dos que prestam á memoria de João Mendonça a homenagem do seu sentimento e o tributo do seu respeito, apressa-se a estampar nas suas colúnas o retrato da vitima que caiu no seu posto de honra, sem um desfalecimento, sem uma cobardia.

E já que a dureza da sorte e a grandeza do seu infortunio evitáram tão desabrida e ferozmente que nos seus derradeiros momentos uma mão amiga o amparasse; a bôca piedosa e meiga da esposa, da mãe, dum amigo o beijasse, no seu ultimo e doloroso alento, ainda que de longe, sobre o seu coval, espargimos as flores da nossa recordação pela sua memoria, dignificada pelo seu sacrificio em defeza do regimen que é a ordem, em defeza da Republica que é a Patria.

A seus paes e esposa, assim como a toda a familia enlutada a expressão muito intima e muito sincéra do nosso profundo pezar.

* * *

Depois de escrito o que sobre Mendonça Barreto tinhamos deliberado dizer, veio o *Mundo*, com a sua noticia de terça-feira, forçar-nos a uma explicação que, com magua o declarâmos, não desejávamos dar para que alguns dos muitos mal intencionádos que em Aveiro existem nos não acoimassem de sectarios, quando provado está que nêste jornal só têmos deligenciádo fazer justiça pondo acima de quaesquer interesses o culto da verdade.

Ora o malogrado administrador de Cabeceiras de Bastos, Mendonça Barreto, posto que tivesse morrido com honra e brio no seu posto de autoridade da Republica, não póde, como deseja o *Mundo*, ser considerádo um dos *mais valorosos e entusiasticos republicanos de Aveiro* nem tão pouco se lhe póde aplicar a frase de que *era homem de antes quebrar que torcer*. Não. Infelizmente o procedimento de Mendonça Barreto como politico não foi algumas vezes de molde a merecer as simpatías dos que sincéramente e sem tergiversações luctavam, sacrificando-se, pelo ideal que em 5 de Outubro redimiu a Patria. E a prova do que avançâmos está em que Mendonça Barreto, apezar de republicano *de sempre*, como dizia, levou a vida, no tempo do velho regimen, a desempenhar logares de confiança dos govêrnos, tendo aceitado o de administrador teixeirista no concelho de Ilhavo e o de franquista no de Oliveira de Azemeis, êste oferecido por Jaime Duarte Silva, o que os nossos correligionarios viram com desgosto, como com a mais compléta reprovação assistiram á sua ida para casa de Homem Cristo, a titulo de o auxiliar na escrituração administrativa do pasquim, precisamente quando o refinadissimo malandro imprimia á campanha de difamação contra os republicanos maior calor, activando-a.

Por todos estes factos, pois, o *Mundo* parece-nos que não fez bem comparar João Mendonça Barreto áquêles dos republicanos que nunca se afastáram da linha do devêr, embora o nosso infeliz patricio tenha direito hoje ao respeito de todos, pela morte violenta e afrontosa que pelos sicários da monarquia lhe foi dada e que, para nós, constitue a remissão de todas as suas faltas ou erros, como talvez seja melhor chamar-lhe.

UMA AVENTURA

A ENTRADA DOS CONSPIRADORES

Como fôram recebidos pelas tropas republicanas---Derrotados em toda a linha

Vai em todo o país grande eferverescencia pela entrada em Portugal do exercito de Paiva Couceiro, que, abandonando a Hespanha onde preparou a aventura, se decidiu, finalmente, a vir restaurar a monarquia, fiádo nos seus partidários cá de dentro, no seu auxilio, ou ainda na adesão do exercito, que o têve por ornamento, mas que, fiel á Patria e á Republica, o repeliu agora com energia, dando-nos a mais nitida impressão do seu valor moral, da sua bravura e acendrado amor pelas instituições vigentes.

Vê-se que o chefe da quadrilha nenhumas probabilidades tem de vencer. A sua conduta é tão vil, tão repugnante; o seu gesto é tão contrario e fére tão profundamente o sentimento nacional, que já nada ha a esperar senão uma vitoria decisiva que ponha côbro aos constantes sobresaltos em que têmos andado desde que a conspiração foi iniciáda.

Não ha duvida. Com a Republica está o exercito, está a armada, está o Povo. E quando um regimen tem por seu lado, a defendêl-o, estes tres factores; quando um regimen se intégra numa nação co...

se integrou em Portugal o regimen da Liberdade, da Egualdade e da Fraternidade, não é positivamente um bando de despeitádos, de gente dementáda que se viu sacudida do poder, que o lança por terra ou o aniquila com facilidade.

Ninguem póde calcular a satisfação que nos invade o espirito ao traçármos estas linhas. Sabermos que no norte o exercito português se bate heroicamente pela integridade da Patria e estabilidade da Republica, sem uma unica defecção; sabermos que houve soldados corajosos, audazes, destimidos que num *corp á corp* com o inimigo saíram vitoriosos, cheios de prestigio, radiantes por esse feito patriotico, hão-de concordar, os que nos lêem, que é realmente caso para nos enchermos de contentamento e de intimo orgulho por pertencermos ao número dos que, embora doutra maneira, defendem tambem a Republica, conscios do nosso dever de portuguêses e de patriotas.

Comovidamente, pois, a esses bravos soldados, que tanto dignificam o exercito português pelo seu heroismo, enviámos nêste momento a expressão da nossa simpatía, todo o aplauso a que tem jus os que se salientam, expondo a vida em holocausto ao bem comum.

EM VALENÇA

Uma testemunha ocular narra ao "Democrata,, varios episodios do ataque a esta praça de guerra

Ha muito, era voz geral, que aquêles que além fronteira conspiram contra a tranquilidade da Patria e a Republica tentavam uma incursão por esta parte da raia.

O facto parecia uma utopia, pois que, vir atacar uma praça de guerra, guarnecida por um batalhão de infanteria e um grupo de metralhadoras, era uma temeridade inutil e funesta, conforme se vê dos factos que passamos a narrar em sucinto relato.

No sabado, já tarde, principiou a correr que a incursão era cérta.

O sr. governador da Praça tomou desde logo rigorosas medidas, encontrando da parte da guarnição militar um patriotico auxilio.

Efectivamente os conspiradores atravessaram o rio Minho ontem, domingo, de madrugada, divididos em tres colunas de 50 homens cada uma.

A primeira coluna atacou o posto da guarda fiscal da ponte internacional, onde havia uma pequena guarda, mal armada, que resistiu valentemente, mas que forçada pelo numero foi obrigada a dispersar retirando parte dos guardas para Tuy.

Nêste ataque ficou com alguns ferimentos um segundo sargento que foi curar-se áquela cidade galega.

Outra coluna seguiu rumo da estação do caminho de ferro onde pouco tempo se demorou.

Uma outra dividiu-se numas propriedades á Costa da Ervilha, donde, sendo atacada pelas nossas forças, rompeu violento fogo, fugindo á final cobardemente até Segadães, sitio proprio á passagem em barca para Espanha.

A coluna que atacou o posto da Ponte Internacional, depois de incessante fogo que lhe era feito de cima das muralhas, sobre tudo ao Baluarte do Socorro, fugiu pela ponte, indo entregar-se á guarda civil, não sem ter deixado mortos dois dos seus, e tambem algum material belico entre o qual algumas bombas explosivas.

O quartel da guarda ficou muito danificado.

Antes do meio dia estava tudo terminado, não havendo a lastimar o menor ferimento nos heroicos defensores da Republica.

Até á hora que escrevo estão presos 8 conspiradores. Entre êles está o celebre sargento Lima.

Muitos civis ofereceram-se para pegar em armas, sendo muito prestaveis os seus serviços.

O comandante da incursão era o ex-tenente da armada Sepulveda.

Foi tambem preso em Valença um soldado cadête de cavalaria 7, sobrinho do capitão Leiria, que esteve nessa cidade.

Todos os militares se portaram dignamente.

O ataque á praça de Chaves

Paiva Couceiro, comandante da coluna, intima a rendição das tropas fieis

De tudo quanto se tem passado no norte, o facto mais importante até hoje conhecido, tirádo que sejam o aprisionamento do célebre assassino D. João de Almeida e os motins populares de Cabeceiras de Basto, é, sem duvida, o ataque dos conspiradores saídos de Hespanha, á vila de Chaves, o qual se realisou no dia 8 depois das 7 horas da manhã, sob o comando de Paiva Couceiro.

Segundo as melhores informações dali recebidas, Paiva Couceiro atacou Chaves pelo norte em seguida a ter desviado as atenções para Montalegre a cuja guarnição mandou na vespera um *ultimatum* para que se rendesse até ao meio dia. Como o comandante das forças republicanas ali estacionarias se preparasse para repelir o inimigo, Paiva Couceiro então foi evolucionando até que a noite se aproximasse e a pudésse aproveitar para, inesperadamente, chegar a Chaves, que supunha desguarnecida.

Assim foi que á hora acima indicáda o bando começou a bombardear a vila servindo-se para isso de duas peças de montanha de calibre sete, algumas metralhadoras e outras armas distribuidas pelos quinhentos homens de que se compunha a coluna.

O ataque foi feito quasi de surpreza, depois das nossas forças terem tido uma marcha forçada durante a noite e quando não havia em Chaves artilharia nem metralhadoras, por terem ido para os lados de Montalegre, sendo mandadas voltar a toda a pressa.

Foi, pois, devido a 170 espingardas, á serenidade dos oficiaes, á inexcedivel coragem e resistencia dos soldados e ao entusiasmo e dedicação do elemento civil pela Republica, que Chaves não caiu em poder dos rebeldes nas tres primeiras horas de energica defêsa até á chegáda das duas peças, pertencentes á praça e cujos primeiros tiros fizeram sustar o ataque que já estava bastante enfraquecido pela resistencia que se lhe ofereceu.

O combate durou incessantemente até ás 18 horas em que os conspiradores, completamente desbaratados, retiráram, deixando artilharia, armas, munições e mais apetrechos de guerra além de consideravel numero de mortos e feridos que mais tarde, assim como os prisioneiros, fôram transportados para a vila.

A colúna que estava acampada proximo de Vila Verde ainda teve a audacia de ocupar esta povoação, indo juntar-se á de Couceiro, mas, sendo perseguida, seguiu o caminho da fronteira internando-se novamente em Hespanha.

No ataque feito á praça os conspiradores empregáram de preferencia a artilharia de montanha e metralhadoras, tendo durante as horas de combate caído na vila umas 30 granadas, que produziram bastantes estragos e destruiram alguns predios.

Da parte das tropas fieis houve tambem parece que duas vitimas, tendo recolhido á cama ferido por uma bala na perna esquerda o capitão do estado maior, Maia Magalhães, irmão do deputado Barbosa de Magalhães, que durante a luta dizem ter-se portádo como um valente.

O comandante do sector de Chaves era o sr. Custodio Alberto de Oliveira, muito conhecido em Aveiro onde serviu no regimento de cavalaria 10 e que dirigiu as operações por forma a ser por todos elogiado e os seus serviços devidamente reconhecidos pelas instancias superiores.

D. João de Almeida, que pertencendo a uma das colunas invasoras, a do capitão Camacho, fôra feito prisioneiro, está num dos calabouços de infanteria 19, com sentinéla á vista.

Veste fato amarélo, com polainas, e chapéu cinzento de aba larga, desabada. Na arrecadação do regimento encontra-se a sua espada, com copos de ouro e prata e o chicote com castão de ouro, de que andava munido.

Foi esta uma prisão que em todo o país fez retumbancia visto ser D. João de Almeida aquêle conspirador que o ano passádo assassinou um pobre guarda fiscal, em Vinhaes, com um tiro de pistola automatica. Chaves honra-se agora de o ter entre ferros e a nação rejubila por já ter seguro um dos chefes da *troupe* a quem se déve a infame conspiração contra o regimen e contra a Patria.

Populações sublevadas

Em alguns sitios a sublevação atinge gráves proporções

Ao mesmo tempo que os acontecimentos se iam desenrolando na fronteira, em alguns pontos das suas circunvisinhanças outros se iam dando tambem, devido ao amotinamento das populações que assim quizéram tornar-se cumplices da investida couceirista.

Fafe, Amarante, Azoia, Celorico, Cabeceiras de Basto, mas principalmente nas duas ultimas localidades, os conflitos tomaram por vezes aspectos assustadores emquanto não chegáram tropas para os sofucar, sendo em Cabeceiras victima da ferocidade dos rebeldes o nosso patricio João Augusto de Mendonça Barreto, administrador do concelho, e o secretario de Finanças além de outros republicanos que se diz terem egualmente perecido, mercê da atitude dos reaccionarios capitaneados por um tal padre Domingos, que nada pouparam na sua furia destruidôra. O córte das linhas telegraficas, a danificação de pontes e da via ferrea fôram outros tantos motivos para o retardamento de socorros, com especialidade na séde do concelho de Cabeceiras onde a força armada só conseguiu desalojar os insurrétos depois de bastante trabalho com a remoção de trincheiras que por êles haviam sido construidas nas estradas que dão acésso á vila. Tambem, apenas as tropas tomaram conta do terreno, a casa do padre Domingos voou com um incendio, esperando-se a toda a hora noticias do aprisionamento dos rebeldes, a monte pelo mato, afim de prestarem contas pelos seus actos á força que em sua preseguição anda.

Em Celorico de Basto esteve egualmente em perigo de vida o administrador, dr. Antonio Rodrigues Salgado, nosso colega do *Povo de Basto* e irmão do ex-governador civil de Aveiro, nosso querido amigo, dr. Rodrigo Rodrigues. Felizmente poude escapar á ira dos adversarios do regimen, que o chegaram a ter preso, mas que um milagre o salvou no momento de ser lavrada a sentença que o condenava á morte.

Estes são os acontecimentos de maior gravidade dentro do país, o que não quer dizer que por outros lados se não tentasse estabelecer a desordem, a anarquia, para que a incursão tivésse melhor exito do que aquêle porque principiou e que até agora só serviu para fortalecer a Republica acendendo no peito dos portuguêses o sentimento do amor patrio que desde sempre tem sido o titulo da sua maior gloria.

Movimento de tropas

Na estação de Aveiro como nas outras do percurso, o exercito é aclamadissimo

Como o ano passado já sucedeu, o movimento de tropas na linha do norte tem sido extraordinario, pelo que na estação désta cidade algumas manifestações se teem feito por parte dos que anciosamente esperam o restabelecimento da normalidade após a derrota dos *paivantes*.

Entre outros regimentos, encontra-se para além do Porto o de infanteria 5, de Lisboa, superiormente comandado pelo coronel Alexandre Sarsfield, que serviu em infanteria 24 e por isso conta em Aveiro inumeras simpatias. A hora a que passou não pemitiu que os aveirenses cumprissem o grato dever de o irem abraçar, mas decérto fal-o-hão no dia do seu regresso á capital, que oxalá seja bréve para socêgo de tantas familias sobressaltadas com o desenrolar dos acontecimentos.

Notas oficiosas

O govêrno esclarecendo a situação

Domingo 7, (á tarde)

Um grupo pouco numeroso de conspiradores apareceu defronte de Valença e tomou posse da estação do caminho de ferro, sendo rapidamente desalojado por forças militares.

Tornou a passar a ponte, sendo desarmado em Hespanha pela guarda civil.

A guarnição de Montalegre, com outros apoios militares, mantem em respeito os conspiradores que para ali se dirigiram sob o comando de Paiva Couceiro, que são em numero de 300 a 400.

Outro bando, menos numeroso, penetrou perto da estrada de Verin a Chaves, tendo saído ao seu encontro uma coluna enviada désta praça. Celorico de Basto rendeu-se á simples presença da força que para ali marchou de Braga em automovel. Muitos dos amotinados fugiram e os restantes foram presos.

Foi posto em liberdade o administrador do concelho e arvorada com as honras do estilo, a bandeira nacional. Estão restabelecidas quasi todas as comunicações que tinham sido cortadas pelos conspiradores, e acham-se devidamente guarnecidos todos os pontos que pódem ser objectivo dos incursionistas.

As noticias que a cada momento chegam ao governo fazem prevêr que o criminoso episodio não terá consequencias gràves e nada mais representa que a desesperada e inevitavel liquidação de um estado de coisas que não poderia subsistir por mais tempo.

No sul do país a tranquilidade é completa, não se tendo dado, até agora, o minimo episodio turbulento.

Segunda-feira, 8 *(madrugada)*

Defronte de Montalegre conservou-se um bando, composto, aparentemente, de 400 homens, comandados, segundo dizem, por Couceiro, o qual pretendeu que as forças republicanas ali estacionadas se retirassem. Não houve encontro, nem sequer tiroteio. O bando parece ter levantado, dirigindo-se para leste, na direcção de Gralhas.

Um outro bando, menos numeroso, segundo consta, comandado por Camacho, entrou por Lamas, aproximando-se de Vila Verde, perto da estrada de Verin a Chaves e a meio caminho désta vila e da fronteira. Ali foi defrontado por uma coluna mixta de cavalaria, infantaria e artilharia, que tinha ido de Chaves, juntando-se-lhe tambem a guarda fiscal. Houve escaramuça, sendo atacados os conspiradores pela artilharia, que fez estragos. Do nosso lado houve um ferimento numa perna do capitão Maia Magalhães, felizmente sem gravidade.

Os conspiradores retrocederam para a fronteira.

Em Valença apresentaram-se defronte da praça conspiradores, em numero talvez de 150; atacaram o posto fiscal junto da ponte internacional, obrigando dois guardas a refugiarem-se em Hespanha. Foram repelidos por uma força da guarda fiscal, sob o comando do capitão Lebre. Ficaram mortos dois conspiradores, um dos quaes dizem ser sobrinho do conde de Carcavélos. Depois de uma refrega com forças vindas de Viana, os conspiradores fugiram desordenadamente, alguns pela ponte internacional, em cujo extremo estava uma força da guarda civil hespanhola, que desarmou quasi todos, em numero superior a 80. Os outros dispersaram dentro do país, sendo perseguidos por grupos civis. Consta terem ficado prisioneiros alguns, entre êles o sargento Lima, (denunciante de janeiro).

Entre os que fôram detidos pela guarda civil encontra-se o tenente Victor Sepulveda.

No distrito de Viana do Castélo foram cortadas as comunicações telegraficas, incluindo as do caminho de ferro que pouco depois foram restabelecidas até Valença, sendo mais tarde restabelecida a de Viana-Porto.

O governador civil de Viana entregou o govêrno do distrito ás autoridades militares.

Os conspiradores tentaram destruir as pontes da linha do Minho, com o emprego da dinamite, ficando avariadas as de Caminha, Barroselas e da Trofa dando logar a trasbordos. Esta ultima ponte em breve estará apta a poder funcionar.

Em Braga tambem se fizeram córtes nas linhas telegraficas, ficando, por momentos, a cidade isolada. O governador civil entregou o govêrno do distrito ao comandante da divisão. Estão atualmente restabelecidas as comunicações com o distrito, exceto para Cabeceiras.

Em Celorico, as forças ontem enviadas em automoveis e levando metralhadoras dispersaram os amotinados, soltando o administrador, que tinha sido preso, e repondo a bandeira nacional na câmara, de onde tinha sido arriada.

Fizéram-se algumas prisões. A ordem está restabelecida.

Em Cabeceiras, a séde do concelho e pontos circunvizinhos, estão amotinados. As providencias tomadas devem liquidar brevemente a insurreição. Consta ter havido atentados pessoaes, dizendo-se que o administrador foi morto.

As comunicações telegraficas de Vila Real e Bragança nada sofreram; o mesmo sucedeu ás do distrito da Guarda.

Rodrigo Soriano esteve em Chaves, de onde mandou telegramas aos srs. Canalejas e conde de Romanones, presidente do congresso, queixando-se de que o *auto* em que viajáva fôra detido por conspiradores portuguêses, em territorio hespanhol, que cortáram o telégrafo entre Orense e Verin, acrescentando que, graças á protecção descarada, concedida aos conspiradores, nem sequer um deputádo hespanhol podia viajar pelo seu país.

Protésta tambem contra o facto, que presenceou, dos conspiradores atirarem de Hespanha sobre as forças republicanas.

Tanbem fôram cortadas as linhas telegraficas ao norte e ao sul de Amarante, que durante algum tempo ficou isolada. Essas comunicações vão sendo gradualmente restabelecidas.

As linhas ferreas do Douro e do Côrgo funcionam normalmente. Os empregados destas linhas, bem como os do Minho, teem sido de uma grande dedicação, assim como os empregados encarregados de restabelecer as linhas telegraficas.

Idem, *(á tarde)*

O bando comandado por Couceiro e que se apresentou defronte de Montalegre marchou sobre Chaves, que atacou, tendo recebido energica resistencia, apesar dos atacantes dispôrem de artilharia.

Do combate resultou serem os rebeldes abatidos com muitas baixas, sendo preso João de Almeida nas cercanías de Chaves. A população da vila manifesta vivo entusiasmo.

O bando, que diziam capitaneado por Camacho, e que tinha retrocedido para Hespanha, debandado pelas tropas republicanas, tenta reentrar.

Em Cabeceiras continuam os motins, capitaneados por padres, tendo havido atentados contra propriedades e pessoas.

Parece cérto ter sido morto o administrador do concelho e gravemente ferido o secretario de finanças. Marcham já forças com urgencia para sufocar o movimento.

As comunicações telegraficas estão restabelecidas.

No resto do país a tranquilidade é completa, com rarissimas excéções.

"Talassas,, de Aveiro

Durante os acontecimentos do norte ninguem lhes põe a vista em cima

Uma coisa singular notámos nós desde que se soube da entrada dos conspiradores simultaneamente com o levantamento do povo de várias aldeias que os *ministros do Senhor* sacrificáram a uma lucta ingloria e despropositada— os partidarios de Jaime Silva e do reaccionario Jaime Lima, os petulantes, que, com ares de superioridade, aí se apresentávam e no *Quelhas* se reuniam *in magna quantitat*, desaparecêram como por encanto, fugiram, sem que até hoje, de alguns, se saiba o seu paradeiro! Os *valentes*! Os miseraveis, que só quando dispunham da força saiam a insultar-nos e cercádos déla chasqueávam da nossa fraqueza com a stulta pretenção de quem se considéra superior a tudo!

Mas onde está o *Mijarêta*? Que é feito do seu *prestigio*, da sua *autoridade*, do seu *valor*?

Porque se não saiu o *habilidoso* advogado, *lidima individualidade da nossa terra*, a auxiliar o restabelecimento da monarquia dos *adeantamentos* e da corrução politica que têve por ultimo rei aquêla palida creança a quem um dia acompanhou no estribo duma carruagem *para a defender de qualquer atentado*?...

E o professor Ataíde, e o padre Campos, e o Ricardo, não se poderá saber para onde foi essa gente que a parte independente da cidade detésta, áquêles que nunca se deixáram contaminar pelas suas baixêsas, repugna? Fugiriam tambem? Que cobardia! Que coerencia a dêsses basofões, que só teem lingua e se juntam para anavalhar pelas costas, sem terem consciencia do tristissimo papel que desempenham na sociedade, mas sempre com o *aplomb* de *homens superiores*, de *arreigadas crenças* e *convicções*, êles que se vendem por uma transação no Banco de Portugal, e ao Banco de Portugal estão acorrentadas, não vá o sr. Jaime Lima tirar-lhes o crédito ou pôl-os fóra do balcão por indigno do dono a que pretencem!

Era agora, farçantes, vis caluniadores, pulhas, que a vossa acção devia ser um facto. Era agora que na rua devieis combater pela causa de que vós dizeis servidores, repetindo ao mesmo tempo aquêla frase de que — *não fazem ninho os milhafres nas cavernas dos leões!*

Paiva Couceiro entrou; entretanto a talassaria de Aveiro que com êle mantinha entendimentos, e do Cristo, esse célebre Cristo que tudo arrasáva com *porráda, á tiro, á facáda, á dentada, á marráda*, por ventura, se mostrava apologista, sóme-se, deixando-nos a fazer uma triste ideia do que seja a força invencivel dos *leões*, precisamente no momento em que muitos tinham a veleidade de os supôr sinceros e dedicados defensores do velho regimen!

Corja de pantomimeiros!

Como a esta hora se dévem ter iludido aquêles que tinham por cérto o concurso dos dignissimos capachos de Homem Cristo e Jaime Lima!

Várias

Durante os dias que teem decorrido a contar do inicio dos acontecimentos do norte, Aveiro oferece um aspecto de vida poucas vezes observado, discutindo-se acaloradamente as noticias dos jornaes, cujas edições rapidamente se esgotam assim que chegam, e a atitude dos que se diziam monarquicos, que, como fica dito, nunca mais tornaram a aparecer, posto que nos ultimos tempos se mostrassem radiantes e provocadores, conforme nêste jornal chegámos a escrever.

Nos Arcos e entre as duas pontes, até altas horas da noite, estacionam grupos, que animadamente se entreteem a conversar, mas cuja principal missão é de vigilancia e prevenção contra qualquer tentativa dos inimigos das instituições tendente a alterar a ordem publica.

As noticias da derrota dos *paivantes*, em Chaves, fôram recebidas no meio de grande regosijo, sendo este jornal o primeiro que déla deu conta num *placard* afixado na montra da *Veneziana Central*.

Os telegramas chegam com grande atraso. No entanto pelos passageiros dos comboios que quasi a todas as horas circulam muito se tem conseguido saber, pois não ha dia nenhum que a romaria á estação deixe de ter logar.

No distrito o socêgo é completo, não se efectuando até agora prisão alguma. Só para Anadia marchou uma força do regimento n.º 28 aquartelado em Águeda para deter o padre José Alvaro, do logar de Vila Nova, a quem é atribuida a tentativa de destruição do tunel existente entre as estações do Salgueiral e Luso, mas ao que parece todos os trabalhos resultáram inuteis por o reverendo se ter escapulido antes de chegar a autoridade.

Este masmarro é o mesmo que num jornaleco reaccionário de Vizeu, saído este mez, se atira desesperadamente ao *Democrata* por causa duma correspondencia nêle publicáda, sendo de tal fôrça os sentimentos religiosos de que é dotádo, que numa busca efectuada na casa que habitava, se lhe encontrou nada menos de 5 kilos de dinamite, que não era de certo para preparar as hostias consagradas de que á missa fazia uso...

Os padres! Como nós abominámos cada vez mais a raça que em si reune toda a malvadez do homem: o crime, a preversão, o odio. E não vem uma chuva de raios!.. que os partam...

***

Em Lisboa foi feita uma imponentissima manifestação ao govêrno pelas energicas medidas adotadas em defesa da Patria e da Republica, calculando os jornaes terem nêla tomado parte para cima de 50:000 pessoas.

Antes da sua realisação houve um conflito com o oficial da armada Manuel Alberto Soares, de que resultou a morte dêste, com um tiro, na ocasião em que se refugiava no Hotel Francfort de Santa Justa para se livrar dos seus perseguidores.

Manuel Soares era um ferrenho inimigo da Republica, tendo estado preso como implicado no *complot* do Algarve. Atribuiam-lhe além disso conivencia no fabrico de explosivos que teve por epilogo o desmoronamento dum elegante predio de tres andares, sito á Costa do Castélo, depois de nêle terem rebentado algumas bombas que estávam sendo preparadas por outro conspirador, dos que fôram julgados e absolvidos por se lhe não reconhecer *intenção criminosa*. Este chamava-se Antonio Augusto da Cunha e pagou tambem com a vida o mal que estava ensaiando.

***

Escorraçada da fronteira a malta que com estrangeiros tentára calcar o solo sagrado da Patria, os seus partidarios de dentro, irmanádos na grandeza do mesmo crime e da mesma infamia, ainda que exclusivamente conhecidos pelo seu simples aplauso e apoio moral, sem mais qualquer manifestação, tem sido, no cumprimento de ordens superiores, claras e terminantes, por toda a parte, presos como medida indispensavel de saneamento moral e patriotico.

A Republica tem de depurar o país, aniquilando todos que por qualquer processo contra êla investiram sem a mais leve razão, o mais insignificante direito.

Se quizer viver...

***

Correu que o famigerado Homem Cristo se propunha entrar em Portugal pelos lados de Castélo Branco com um bando de indignos companheiros seus, mas ao que parece não tem confirmação semelhante boato.

E' que Homem Cristo sabe bem que defrontar-se com homens patriotas e cheios de indignação pelas afrontas recebidas não é o mesmo que bater em mulheres indefêsas ou castigar inocentes creanças,

como tem sido costume do bandido toda a sua vida. Por isso ladrará, sim; mas que arrisque os *carrapitos*, pômos a nossa duvida.

* * *

Eis como, em data de 9, relatam de Fafe, o assassinato do inditoso administrador de Cabeceiras:

Como já sabem, foi assassinado pelos talassas amotinados o administrador de Cabeceiras de Basto, sr. Mendonça Barreto.

Eis como foi praticado o crime, preparado pelos bandidos de sotaina, para os quaes será pouco todo o rigor e leve o mais pesado castigo.

No sabado, ás 18 horas, chegou de Braga, em automovel, o administrador. O povo, instigado pela padralhada, já estava amotinado e acampado no monte. Foi jantar ao Hotel do Moura, depois do que se dirigiu á praça. Principiou logo o tiroteio contra a autoridade, tendo partido os primeiros tiros do hotel do *Escacha*, onde o sr. Mendonça Barreto estava alojado, e da casa do comerciante Queiroz, ferozes reacionarios.

O povo, comandado pelo grande cacique e refinado talassa padre Domingos, tendo um estado maior constituido por quasi todos os padres do concelho, estava armado de clavinas, caçadeiras, pistolas *Browing*, fouces e paus.

Os primeiros tiros não atingiram o administrador. Uns 15 minutos depois recomeçou a fuzilaria das casas dos reacionarios e tambem do monte que domina a praça. Algumas balas de *Browing* feriram aquela antoridade no antebraço e clavicula esquerda e um tiro de espingarda atingiu-o no braço direito, indo o projectil atravessar o pulmão, o que lhe causou a morte.

O administrador era apenas acompanhado pelos srs. Domingos de Magalhães e Arnaldo Barros, que lhe assistiram aos ultimos momentos, em casa do comerciante Leite.

Os amotinados eram uns 300 a 400.

Antes dêste criminoso acontecimento, já tinha sido ferido o secretario das finanças, sr. Taborda, quando dava o seu habitual passeio para os lados de Carrazeda. Atacaram-no uns 10 individuos, que eram capitaneados pelo oficial de diligencias Abilio, filho do *Escacha*, em cujo hotel o sr. Taborda estava alojado. Alvejado a tiro, recebeu algumas balas, uma das quais lhe atravessou os queixos.

* * *

Dizem varios colégas que em Valença se déram muitos actos de reles gatunice quando ali penetraram os *paivantes*, no seu *glorioso* assalto.

Roubaram todo o dinheiro que encontraram no quartel da guarda fiscal junto á ponte; procederam da mesma fórma na barraca do imposto do pão, de onde levaram as importancias ali arrecadadas pertencentes ao fisco; do quarto do sargento Gonçalves, da guarda fiscal uma arma caçadeira e cartucheira, havendo ainda outras proezas que se estão apurando.

Sabiamos, como toda a gente, que o Manuel de Oliveira estava na fronteira. Por isso estes honrosos informes levam-nos a crêr que o nosso heroe fez parte de aquéla *valente* coluna!...

Não resta duvida: o Manuel de Oliveira esteve lá! E pelo que se vê continua mantendo os mesmos créditos e habitos, que possuia, quando, tendo aqui já sido condenádo como gatuno, foi depois dedicado amigo e companheiro como *preso politico*, de Jaime Duarte Silva e outros, que assináram com êle, sem a mais leve repugnancia, porque todos afinal se reconheciam medidos pela mesma bitóla, o famoso e jámais esquecido agradecimento ao povo dêste concelho pelas *provas de afeição* dispensadas a suas ex.as nos conventos, quando fôram *perseguidos* pelos republicanos, como afirmou o sr. Jaime Lima, no seu discurso de defêsa proferido no julgamento da repugnante *troupe!*

Pois não ha duvida: lá esteve o Manuel de Oliveira, executando com mais perfeição os ensinamentos do seu *paesinho*, como êle designava o *Mijareta!*

* * *

O *Aveirense*, orgão das *lidimas individualidades da nossa terra* e cujos proprietarios, escrevinhadores ou lá o que são, se dizem *republicanos historicos*, não saíu no seu dia habitual, quarta-feira, pelo que a sua falta se tornou notáda.

Querem vêr que lhe deu o trangolomango e as *lidimas individualidades* ficam sem aquéla preciosa joia, repositório da melhor prosa jornalistica, depois da do *Bébes*, que semanalmente nos fazia desopilar o figado?...

Padaria Bijou

Acaba de ser tomada de trespasse pelo nosso amigo Manuel Barreiros de Macedo, esta conceituada casa de panificação, sita ao Côjo, a qual continuará a servir os seus freguezes com a mesma regularidade e escrupulo como até aqui.

O sr. Macedo é bem conhecido já no nosso meio industrial pela sua muita competencia, seriedade e correcção e por isso nos limitâmos a recomendar aos leitores a padaria *Bijou* sem esquecer a *Central*, dos Arcos, propriedade tambem do arrojádo comerciante.

ELEIÇÕES MUNICIPAES

O nosso coléga *O Mundo*, importante diario da capital, dirigiu recentemente uma circular aos presidentes das comissões administrativas de todos os municipios do país, na qual eram consultados sobre a conveniencia ou inconveniencia de se realizarem imediatamente as eleições municipaes.

Dêsse inquerito em que depozéram, senão todos, pelo menos a maior parte das entidades referidas, vê-se que a maioria é contrária á realisação imediata das eleições dos municipios.

A pequena minoria que a seu favor se pronunciou, representa, especialmente, a região sul do país, que já estava republicanisada antes da quéda da monarquia.

A mesma divergencia de opiniões hão manifestado os diversos grupos politicos, em que, para mal da Republica, se dividiram, no Congresso, os representantes da nação.

Assim, emquanto os *unionistas* capitaniados por Brito Camacho, os *evolucionistas* dirigidos por Antonio José de Almeida, defendem a realisação imediata das eleições, no que são apoiados por todos os inimigos da Republica, os *democraticos*, integrados na orientação de Afonso Costa, defendem doutrina contrária, não querendo que a Republica chame o povo á urna para escolher os administradores dos seus municipios, emquanto não estivér absolutamente segura do triunfo.

A consulta de *O Mundo* foi, pois, oportuna, e pela resposta se demonstra que, compartilhando das opiniões do grupo democratico, se encontra a maioria dos representantes dos municipios do país, que julgâmos serem os que melhor conhecem as condições do eleitorado local.

Pela nossa parte, reconhecendo quanto seria util para a definitiva consolidação da Republica a realisação imediata das eleições municipaes, porque assim o país entraria de facto na sua inteira normalidade constitucional, não podemos deixar de reconhecer primacialmente, dadas as condições actuaes da politica portuguêsa, a rasão e a logica dos que pretendem demoral-as, com o fundamento muito ponderavel de que a sua realisação imediata exporia a Republica aos assaltos funestos de todos os tigres e hienas que a monarquia lhe deixou alapardados nos seus covis, por esse país além, e cujas garras se tem estendido mercê da excessiva generosidade do novo regimen.

O facto, porém, de reconhecermos primacialmente a força do argumento, não significa aquiescencia absoluta. Aprovado o codigo administrativo, votada a nova lei eleitoral, que, dirigindo-se a anular a influencia do cacique, não póde deixar de ser uma lei de defesa republicana, parece-nos que as eleições se pódem e devem realizar imediatamente, além de outras, pelas seguintes razões:

1.ª—O povo, embora ignorante mas emancipado da influencia do maldito *zero* clerical, não é inimigo da Republica, e se algum perigo existe em o chamar actualmente á urna, por certo que esse perigo continuará a existir daqui a 6 ou 8 mezes, durante os quaes se não fará o que se não fez em 20, e agravado ainda com a presunção, que o inimigo terá, de que é temido.

2.ª—A Republica tem todo o interesse em demonstrar que não receia os seus adversarios, e sería de pessima politica não o fazer, quando tem nas suas mãos o meio infalivel de sair triunfante do combate, meio que hoje e sempre lhe dará a victoria.

Como, porém, as eleições se não pódem realizar antes de votado o codigo administrativo e a lei eleitoral, o que as protelará até ao terceiro ou quarto mez de 1913, maiores são as probabilidades de triunfo, pela possibilidade de se irem bater as corujas monarquicas nas suas tocas, opondo-lhes aos pios reaccionarios, uma intensa e bem orientada propaganda republicana—absolutamente necessaria, sobre tudo, em muitas terras do norte onde, se a Republica era uma heresia antes de 5 de outubro, depois déssa data não é mais que uma ficção.

Feita essa propaganda, já que o tempo para isso chega, vamos, bem seguros do triunfo, ao encontro do inimigo, até hoje tratado com excessiva e imprudente generosidade, e que não tem outra força senão a que lhe resulte da desunião das hostes republicanas.

Republicanos, quaesquer que sejam as suas inclinações pessoaes, e a sua orientação politica, tem o indeclinavel dever moral e patriotico, de pôrem acima de tudo, muito acima, os superiores interesses da Republica.

Não quererão por certo dar o deprimente espectaculo de demonstrarem que a sua dedicação ás instituições que se implantaram é inferior á que os monarquicos tinham por aquêle lameiro dos adiantamentos e das roubalheiras chamado monarquia.

Ora, o que faziam êles quando os republicanos com probabilidades de exito buscavam tomar-lhes de assalto algum baluarte?

Uniam-se para a defêsa; não havia regeneradores, não havia progressistas, não havia independentes, mas apenas monarquicos contra republicanos, e assim estes dificilmente e só com a estoica dedicação que aquêles não tem, conseguiam o triunfo duma ou outra candidatura.

Aí temos pois o meio infalivel do triunfo a que acima aludimos.

Acabem de vez as rivalidades odientas, as desarmonias injustificaveis, as retaliações vergonhosas entre a familia republicana, pois que gráves são as responsabilidades de todos, porque todos tem uma alta missão a cumprir, e em toda a parte onde os reaccionarios inimigos da Republica, a descoberto ou mascarados, se apresentem para lhe dar o salto de tigres, deixem de existir *evolucionistas, unionistas, democraticos*, e *independentes*, para existirem simplesmente republicanos, inspirados tão sómente pelos altos interesses da Republica, consubstanciada na existencia da Patria.

Assim, unidos pelos interesses da Patria e da Republica, podemos, bem seguros da victoria, dar batalha a toda essa malta de mariolas que a companhia de Jesus inspira e maneja, e que por odio á Republica, que a uns aniquilou o poder e a outros destruiu a mangedoura, não hesitam em ferir a propria Patria.

Nas mãos de nós todos, os republicanos, está pois o meio seguro do triunfo — a união contra o inimigo que só com a nossa desunião nos póde ferir, e quem para essa união não concorra, não será sómente um republicano *béra*, será tambem um autentico inimigo da Patria.

J. Rodrigues Lourenço.

O rebocador

O projecto de lei que na câmara foi apresentado pelo representante dêste circulo, sr. Alberto Souto, e que visa á vinda dum rebocador para o serviço da barra de Aveiro, parece que não agradou a algumas colectividades a quem são exigidas diversas colétas ou impostos para a aquisição do referido barco, por o considerárem inoportuno e ainda pelos encargos que dêle proveem.

Não são, porém, justos taes reparos nem desagrado, tanto mais quanto é certo que o ilustre deputado apresentante do projecto em questão, em vista do que está consignado no projecto de lei relativo *ao serviço de pilotagem das barras e portos do continente e ilhas adjacentes de 28 de dezembro do ano findo*, no seu capitulo XXV com a designação *Aveiro*, diz no seu art.º 190.º: **a corporação além do material que atualmente possue, terá um vapor para o serviço da barra e reboques o qual será adquirido pelo fundo especial dêste porto.**

Além disso, noutros artigos, o mesmo regulamento cria diversas receitas para os encargos a satisfazer com manutenção do barco, taes como: 150 reis por tonelada exigida aos navios que entrem e sáiam a barra precisando do reboque; 50 reis dos que dêle se não utilizem, além das taxas da pilotagem; 200$000 reis que dará a comissão local do *Instituto de Socorros a Naufragos;* 100$000 reis que abonará a Associação Comercial de Aveiro e 80 reis, a cobrar como imposto especial, sobre cada meia marinha de sal.

Estando, portanto, como se vê, consignada no projecto aludido e que se transformará em lei, a mesma doutrina, crêmos que com pouca variante do que contém o projecto do sr. Alberto Souto, não ha motivo justificado para descontentamentos quando é certo que a iniciativa do referido deputado só têve em vista abreviar a realisação daquêle importante melhoramento, que—quem sabe? — esperando-se pela aprovação da lei, só muitissimo tarde poderá ser uma realidade para nós todos.

Exames

Principiáram no liceu os exames do 5.º ano, que são presididos pelo sr. dr. Gastão Pereira Mendes, professor em Castélo Branco e nosso coléga do *Noticias da Beira*.

Esta cidade não consente, sob pena da maior cobardia e aparente identificação com os sentimentos infames dos traidores á Patria que daquí saíram apressada e anciosamente na noute que antecedeu os movimentos subversivos do norte e a incursão das hostes couceiristas, que aquêles voltem a integrar-se de novo na vida laboriosa e honrada da população.

Não sabemos nem nos importâmos saber se o sr. governador civil, como lhe compete, conhece já das circunstancias porque saíram esses individuos e se está resolvido a consentir o seu regresso e a continuação da sua estada aqui, á espera, talvez, de novo ensejo para a realisação do plano exterminador e sanguinário, que a nós e a outros custaria a vida e que pela segunda vez lhes falhou.

O que sabêmos é que aquêles para quem a presença de Jaime Duarte Silva, do professor Alvaro Ataíde e outros, representa não só uma afronta vergonhosa e provocadora como um perigo iminente e gráve, pelo que êles em si reunem, resolveram e assentáram, serêna e decididamente, impôr-lhes a retiráda por todos os meios que as circunstancias de momento aconselhárem e indicárem.

Os republicanos de Aveiro não pódem nem devem partilhar, nem aceitar transigencias, que são um crime, contemporisações que são vexames.

Para honra sua, para honra da propria Republica.

EM FECES

A' ultima hora dizem alguns jornaes do norte que Paiva Couceiro, *acampou em frente de Feces.*

Não ha que vêr: a sinistra figura da monarquia está proxima do seu fim.

Está em Feces, para *passar a fézes.*

Ninguem foge ao seu destino.

O Quelhas

Solitário e deserto... o *Quelhas!*

O *Quelhas* outr'ora tão vibrante de acalentadoras e sorridentes esperanças!...

Que fervor intimo de orações, então!

Que celeridade no movimento de labios, ao pronunciar-se aquélas preces fervorosas!...

Olhos em alvo, atitudes misticas, acordando na Senhora da Conceição, na sua nunca desmentida bondade e misericordia pelos seus devotos, que ouvisse as suplicas que lhe enviavam, ardentes, anciosas, cheias de fé!

E na noute em que se fez a exposição do santissimo... *Mijarêta?!*...

Era sem duvida um milagre, uma inconfundivel demonstração de quanto póde a misericordia divina!

O numero de fieis aumentou, o *Quelhas* estava á cunha; ondas de fé acalentavam, reanimando, os mais descrentes, os mais fracos!

Ah! o milagre dava-se!

Era uma questão de dias!

Uma atmosféra de confiada esperança bafejava todos aquêles corações!

Havia sorrisos dôces e fraternaes, olhares que mostravam—um mundo novo!

De subito, tolda-se a atmosféra. Condensam-se nuvens e rebenta uma trovoada que o Saragoçano já tinha previsto nos seus boletins e estava indicada no mais insignificante *borda d'agua!*

Só o *Quelhas* não queria ver...

Mas afinal perguntâmos: esta ausencia...?

Dizem-nos ao ouvido, explicando o caso: o abandono do *Quelhas* provém dêste mau tempo que está fazendo. Como sabe, gente religiosa, atribuindo a Deus tudo, acredita que a *trovoada* seja obra dêle, e está em casa resando a magnifica, véla benta acêsa com mêdo de algum... raio... que a parta!

. . . .

Solitário e deserto... o *Quelhas!*

O *Quelhas* outr'ora tão vibrante de acalentadoras e sorridentes esperanças!...

DE OLIVEIRA DE AZEMEIS

PROTESTANDO

No inquerito que o jornal *O Mundo*, fez aos presidentes das Câmaras Municipaes sobre eleições, vi uma opinião pessoal do vice-presidente da Comissão Municipal dêste concelho—atualmente desempenhando as funções de presidente—que não traduz a verdade.

Não era á minha pessoa que competia desmentir essa opinião, levar ao conhecimento de todos os verdadeiros republicanos que o contrario do que afirma o cidadão Luís Soares Martins é a expressão da verdade; competia, sim, aos que se arvoram chefes do unico grupo republicano aqui existente, grupo formado ainda assim contra todas as leis que representam justiça e moralidade. Como, porém, até hoje ainda não vi em jornal algum esse desmentido, não posso calar por mais tempo a minha revolta, protestando com o direito que me dá toda a minha vida de republicano combatente, contra essa opinião.

O silencio dos republicanos oliveirenses e a opinião do vice-presidente teem facil explicação.

Este é um republicano tão sincéro, tão convicto, que afirma, num meio em que os padres são inimigos figadaes da Republica, que *o padre é tão indispensavel ao povo como ao pobre o pão para a bôca!*

Aquêles são capitaneados em *tour de force* pelo sr. administrador do concelho que, pondo os seus interesses individuaes acima do bem da Republica, se esquece de que esta, e portanto o país, precisa de homens com competencia para o desempenho justo das suas funções e impõe aos verdadeiros republicanos o dever de afastar para longe essas velhas rapozas que vitimavam a liberdade do povo á custa dos cofres dêsse mesmo povo e que ainda teem o desplante de dizer que hão-de fazer o mesmo, que a devassidão hade continuar.

Todo o republicano que ama a Republica, todo o português que estremece a Patria, tem por obrigação escorraçar das gerencias publicas, de mentôres do povo ignorante, esses homens, quebrando-lhes para sempre as cadeias com que escravisaram tantas consciencias, e não bajulando-lhes os pés para que sejam recebidos nos braços.

O silencio que se fez em redor do vice-presidente da Câmara, é uma prova bem frisante do que se está passando nêste concelho. Antes de aparecer no jornal *O Mundo*, a opinião do cidadão Luís Soares Martins, já os antigos caciques haviam propalado o mesmo. Foi como o porta-vóz oficial dêsses homens.

Isto é patognomonico!

Nêste concelho a Republica ainda não se fez sentir. Tudo como dantes: os mesmos senhores, os mesmos processos, a mesma pouca vergonha.

Derrubem-se esses mandões pela honestidade, pela justiça, pelo respeito á lei, pela propaganda, processos que os aterrorisa, e façam-se depois as eleições. Fazer o contrario é escarrar nos heroes de cinco de outubro, é apunhalar a Republica.

Oliveira de Azemeis, 3—VII—912.

O medico, **Lopes de Oliveira**

Descanço nas pharmacias

Mappa das que se encontram abertas nos dias de domingo abaixo designados:

JULHO	
DIAS	PHARMACIAS
14	BRITO
21	REIS
28	MOURA

Vêr adeante—**ULTIMA HORA**

A PIXE

Diversas casas, propriedades umas, residencias outras de reconhecidos reacionarios, alguns dos quaes encobertos com a mascara de republicanos, apareceram hontem com grandes cruzes e as letras R. I. P. feitas a pixe, nas respectivas frontarias, além de diversos anátemas que se traduzem em palavras que, independentes do processo empregado, exprimem fielmente o sentimento de animadversão publica contra esses individuos.

E alguns dêles como hoje provocam o odio popular, o odio geral dos seus concidadãos, mais que justificado digamol-o em abono da verdade, poderiam sem duvida merecer o culto, o respeito de todos os seus conterraneos se encarreirassem pela estrada franca e aberta da liberdade e do progres-

so, que á tantos outros tem trazido horas de tão justa como merecida consagração, da humanidade inteira!

Na frontaria da casa onde viveu o famigerado *Mijarêta* além da materia empregada, foi como merecida distinção, uma outra aplicada que pelo cheiro prontamente denuncia a sua especie e proveniencia.

O caso fez sensação.

* * *

Sômos informádos que alguns proprietarios dos prédios onde apareceram as cruzes, se fôram queixar do sucedido ao sr. governador civil que por sua vez entregou o caso á policia, para investigação.

Não sei para quê. Se o verdadeiro autor—o pincel—se suicidou atirando-se ao rio...

NOTAS DA CARTEIRA

Regressaram de Lisboa e Vila Franca de Xira, respectivamente, os srs. Ribeiro de Almeida, governador civil do distrito e Beja da Silva, comissario de policia.

=Inesperadamente, seguiu para a Ilha do Principe, o nosso conterraneo e amigo, Ananias de Lemos, a quem desejâmos as maiores felicidades.

=Chegou de Melgaço, quasi restabelecido dos seus encomodos, o nosso correligionario Antonio Maria Ferreira.

=Vimos em Aveiro os srs. Antonio Augusto Gonçalves, presidente da câmara de Coimbra; Simões Aidos, de Agueda; dr. Eugenio Ribeiro; dr. Roque Ferreira; João Ferreira; Afonso Fernandes; D. Benedicta Vieira de Carvalho, etc.

=A passar alguns dias com sua familia tambem aqui se encontra o sr. dr. Elisio de Lima, juiz da comarca de Figueira de Castélo Rodrigo.

=Depois de ter estado gravemente enfermo na sua casa de Ilhavo, partiu para a Guarda no intuito de lá convalescer, o estudante Antonio Madail a quem acompanhou seu pae, o sr. dr. Manuel Maria da Rocha Madail

=Está em Aveiro, o nosso amigo Luís Antonio da Fonseca e Silva.

=Já seguiu para a praia do Farol, o sr. Domingos Luís Valente de Almeida, acompanhado de sua familia.

=Do sul veio passar uma temporada á sua casa de Cacia o sr. José Simões Carrêlo.

=Tambem ali regressou, vindo da capital, o deputado dr. Marques da Costa.

=Em Aveiro encontra-se Alberto Souto, deputado por este circulo.

=Foi fazer a sua habitual estação de aguas a Vidago, o conceituado comerciante local, sr. Alberto João Rosa.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

VENTOSAS

Para o cancioneiro popular

Outro dia o Mijarêta,
ora tóma
ora tóma;
'steve exposto nos balcões;
ora tóma,
ora tóma,
tóma lá pinhões...

Vem mais pequeno o doutor,
ora tóma,
ora tóma;
mas aumentou aos tacões.
Ora tóma,
ora tóma,
tóma lá pinhões...

Hei-de ir ao Souto comprar,
ora tóma,
ora tóma,
o Paiva em dois medalhões.
Ora tóma,
ora tóma,
tóma lá pinhões...

O Fatia já esqueceu,
ora tóma,
ora tóma,
de Lisboa os apertões;
ora tóma,
ora tóma,
tóma lá pinhões...

* * *

Sessão da Comissão Administrativa Municipal d'Aveiro, de 4 de julho de 1912.

Presidencia do cidadão dr. Luiz de Brito Guimarães. Compareceram os vogais, srs. José da Fonseca Prat, Vicente Rodrigues da Cruz e Sebastião Pereira de Figueiredo, com a assistencia do administrador do concelho, sr. Beja da Silva.

Acta aprovada com o acrescento, exigido pelas circunstancias, de se autorisar o ex.^{mo} presidente a demandar judicialmente Artur Paes para a entrega imediata da casa, pertencente ao municipio, que alugou e cuja renda não paga apezar dos reiterados esforços pela câmara empregados nesse sentido e das suas repetidas promessas.

A câmara tomou depois as seguintes resoluções:

Deferir o pedido das Câmaras municipaes dos concelhos de Estarreja e Ilhavo, para entrada no *Asilo-escola*, na devida altura, dos menores Carlos Alberto e Armindo, filhos de Ana da Silva Viana, do Outeiro do Coval, de aquele primeiro concelho; e Carlos da Silva Teiga, filho de Antonio Francisco Capóte, de São Salvador, do segundo;

Autorisar as licenças solicitadas para construções no concelho, por Francisco Rodrigues Quaresma, Jeremias Vicente Ferreira e dr. Manuel Francisco Teixeira, de Aveiro; Manuel Dias Junior, da Quinta do Gato; João Rodrigues Migueis, de Taboeira; Antonio Francisco Atanasio, Manuel Simões da Costa e José Simões da Rosa, de Requeixo; Joana Soares Nogueira, de Vilarinho; Manuel da Maia Novo, de Esgueira; Manuel Ascenso Branco, de Verdemilho; Manuel da Maia Gafanhão, de São Bernardo; João Lopes Neto, da Oliveirinha e Manuel Saldanha, de Eixo;

Conceder os subsidios de latação pedidos por Manuel Maria de Oliveira e mulher, de Verdemilho para seus filhos Diamantino e Herminia;

Atestar, confiáda na informação legal das respectivas juntas de paroquia, a pobresa de Carlos Moreira Lopes, de Aradas; Raquel Ferreira Tavares, da Costa do Valado; Maria de Jesus Teixeira, de Requeixo; Antonio Pereira do Couto, residente em Cacia e João André Ferreira, da Quinta do Picado;

Tomar as avenças realisadas pelo falecido José Simões Ruivo, arrematante da cobrança dos impostos municipais da freguezia de Aradas, visto não haver nisso prejuiso para o municipio e não poder exigir da viuva a satisfação integral do contrato realisado com o marido;

Levantar da Caixa Geral dos Depositos a quantia de 729$661 reis, que ali tem do seu fundo de viação;

Intimar Manuel Rodrigues da Rocha, João do Gemeo, João Gonçalves Diniz, herdeiros de Joaquim Bicudo, Manuel Maio e Antonio Maio, Bernardo Patarata, Manuel Patarata, Manuel Dias, João Maio da Fonte, Manuel Gonçalves Diniz e Joaquim Cipriano Neto, proprietarios confinantes com baldios municipais, na estrada de Esgueira ao Marco de São Bernardo, a virem, no praso de 8 dias, declarar, em sessão municipal, se querem continuar na posse dos terrenos que tomaram ao municipio pagando-os pelo seu justo valor, ou serem compelidos á sua restituição imediata;

Pedir á instancia superior competente a creação duma escola anexa á secção feminina do *Asilo-escola-distrital*, para o que aquela instituição concorrerá, nos termos legais, com casa, mobiliario e mais material indispensavel;

Aprovar o projecto da edificação de retretes publicas a construir na cidade e o da escola oficial para a Povoa do Paço, apresentados pelo chefe dos trabalhos municipais.

CORRESPONDENCIAS

Pinheiro, 9

Como tinhamos prometido, dâmos o programa das festas que o bom povo déste logar projecta realizar ao S. Thomé, nos dias 24, 25 e 26 do corrente. Constam de arraial, fogo e iluminação, sendo posta em scena por uma companhia dramatica da vila de Eixo, uma comedia intitulada: *Couceiro na actualidade*, para a qual, segundo nos informam, está reservado um grande sucesso.

No dia 25 haverá missa solene e procissão, e á tarde tocará a musica *Velha União*, em coreto apropriado. Dia 26, constará de diversos divertimentos, fogaças, etc, e percorrerá as ruas uma musica para esse fim contratada por uma comissão de rapazes que se encontra animada da melhor vontade a fim de fazerem realçar este programa da festa. Vae grande entusiasmo entre os mordomos.

=Partiu para o Rio de Janeiro o nosso amigo Manuel Marques Corrêa de Mélo, a quem apetecemos uma feliz viagem e mil prosperidades.

=Chegaram ontem de Guimarães, onde tinham ido assistir aos grandiosos festejos de S. Torquato, os nossos amigos: Antonio Martins, Lopes Praça, Joaquim Rezende e familia.

=Na egreja matriz de S. João de Loure, batisou-se após o acto civil, um filho da sr.ª Ana Marques Branco, que recebeu o nome de Manuel.

Testemunharam, servindo de padrinhos, o nosso bom amigo Manuel Branco de Oliveira e a sr.ª Sebastiana de Almeida.

=Lavra com bastante intensidade, nas Azanhas, a febre afatosa no gado vacum. Recomendâmos aos nossos lavradores que procedam á desinfeção dos curraes, por fórma a evitar a propagação do mal. Bastará para isso uma simples e economica borrifadéla de creolina.

=Causou aqui profunda impressão a morte de João Mendonça Barreto, administrador do concelho em Cabeceiras de Basto.

Enviâmos o nosso mais sentido pezar á familia enlutada por tão doloroso quanto inesperado acontecimento.

=Os factos decorridos na fronteira com a gente de Paiva Couceiro, não causam grande surpreza. E' o premio aos que atraiçoam ignobilmente a mãe Patria.

Viva o exercito português!
Viva a Republica!

C.

Necrologia

Após sofrimento prolongado, faleceu na quarta-feira ultima, o sr. Antonio Pereira da Cunha, cujo cadaver veio da Barra para o cemiterio désta cidade.

* * *

Tambem em Angeja deixou de existir, o pae do nosso amigo sr. Manuel Pereira da Silva, importante capitalista.

Contáva 88 anos de idade e era profundamente estimado pelos seus conterraneos devido á sua generosidade e outros atributos.

Ao sr. Manuel Pereira da Silva bem como á familia do sr. Antonio Cunha, os nossos pêsames.

Ultima hora

E' de novo preso o professor Ataide

Quando ontem desembarcáva do comboio correio, do Porto, foi preso na estação désta cidade, o professor Alvaro Ataide que deu entrada no comissariado pouco depois das 22 horas.

Ao passar na rua da Costeira um numeroso grupo de populares, que estacionava nas suas imediações, fez-lhe uma ruidosa manifestação hostil pouco faltando para passar a vias de facto.

O caso produziu sensação na cidade.

Um conflicto—Tiros e ferimentos

Como consequencia ainda da prisão do dr. Ataide, deu-se, depois das 23 horas, um conflito no Largo da Apresentação de que saiu ferido na cabeça com umas bengaladas vibradas não sabemos por quem, o secretario do Homem Cristo, de nome Marques Rosa.

Segundo é voz corrente a agressão foi motivada pela insólita provocação dêste, que, vendo-se injuriado por alguns correligionarios nossos, contra êles disparou tres tiros de pistola, sem resultado, defendendo-se os outros depois do grupo com as bengalas de que consigo traziam.

Dizem-nos que Marques Rosa apresenta tres ferimentos na cabeça, donde correu abundante sangue, que o medico do hospital estancou, pensando-os. Nenhum déles é grave. No entanto, o coflito podia ter consequencias mais funéstas, o que seria lamentavel.

A excitação de animos é enorme. E isso só vem corroborar quanto aqui têmos dito relativamente á presença daqueles que significam por si só uma afronta aos brios do povo désta terra.

O funeral de Mendonça Barreto

A expensas do govêrno, serão em bréve transportádos para Aveiro os despojos do nosso desventurado patricio, João Mendonça Barreto, em cujo funeral se fará representar, assim como a Câmara dos Deputados que na sua ultima sessão nomeou para esse fim os seguintes membros: dr. Sidonio Paes, Barbosa de Magalhães, Marques da Costa, Augusto José Vieira, Alberto Souto e Manuel Alegre.

A' viuva do extinto será concedida uma pensão que por emquanto ainda não foi determinada.

AINDA MEXE

CHAVES, 11—Os insurrectos de Cabeceiras de Basto, em numero de 350 dos quaes 150 estão armados, refugiáram-se na serra Larranco, e tentam reunir-se a Couceiro, que agora se acha estar acampádo nas proximidades de Montalegre com 350 homens e 4 metralhadoras.

De Braga comunicam que as tropas republicanas continuam perseguindo os rebeldes de Cabeceiras de Basto, os quaes andam pelos montes em grupos de 50.

Têm-se trocado tiros de parte a parte, mas só do lado dos amotinádos ha numerosas baixas.